



# Cara a cara com o URSO

Apoiando-se sobre as patas traseiras, o animal se ergueu diante da jovem, hipnotizada por seu olhar agudo e penetrante.

KATHY COOK

**A**NN QUARTERMAN, de 28 anos, saiu da auto-estrada e entrou com seu carro de tração nas quatro rodas numa estrada íngreme de terra, na área montanhosa de Revelstoke, na Colúmbia Britânica. Percorridos 11 km, alcançou a trilha que a levaria, bem como à sua amiga Christine Bialkowski, a um remoto abrigo para esquiadores situado entre os picos da serra.

Entusiasta do ar livre e esquiadora experiente, Ann tencionava trabalhar como cozinheira no abrigo durante o inverno. Mas para ver se aquele local selvagem e inóspito era o ideal para ela, em vez de ir à entrevista de helicóptero, preferiu fazê-lo por seus próprios meios.

Christine, de 25 anos, acompanhava-a na aventura.

Nessa manhã chuvosa de 1.º de outubro de 1994, Ann estacionou o carro perto da entrada da trilha e ambas apanharam suas mochilas. Ann, alta, de cabelo castanho e um sorriso vivo, consultou o mapa. A caminhada de 16 km através da montanha e de uma geleira até o abrigo demoraria umas seis horas.

Pegou um *spray* repelente de ursos e meteu-o num bolso da calça. Ela ganhara aquilo de uma firma para a qual fizera um trabalho no campo. Nunca o usara, mas as duas iam atravessar pequenos rios onde os ursos tinham por hábito se alimentar. «Nunca se sabe», disse ela a Christine com um sorriso maroto.

Christine, franzina e de longos cabelos louros, devolveu-lhe o sorriso. Tinham-se conhecido no ano anterior, quando trabalhavam ambas em outro abrigo turístico na montanha. Como partilhavam o amor pela aventura, tornaram-se companheiras de esqui, de passeios de bicicleta e grandes amigas.

O percurso começou por uma subida lenta pela floresta de coníferas. Apesar dos impermeáveis, não tardaram a ficar ensopadas com a chuva. A trilha foi-se transformando de um caminho coberto de vegetação num íngreme terreno pedregoso. As duas rastejaram sobre grandes pedras e venceram riozinhos pouco profundos, sempre falando alto para alertar eventuais ursos de sua presença.

Os dejetos que foram encontrando ao longo do caminho não continham sementinhas, como era habitual. «Não há bagas», pensou Christine. «Os ursos estão comendo capim.» «Devem estar em dificuldade de arranjar comida», comentou.

Passadas três horas, a uma altitude acima de 1800 m, as duas galgaram uma crista da montanha e depararam com um prado alpino que se estendia para lá da linha das árvores.

«Uau! Não é uma maravilha?», exclamou Ann, perscrutando o vale lá embaixo. Através do nevoeiro baixo, a terra brilhava com as cores mutantes do princípio do outono.

Apreciando a extensa vista, Ann e Christine seguiram a curva da trilha por algum tempo. Depois, Ann fixou o olhar na pradaria. «Christi-

ne! Olhe! Ursos!» A uns 300 m de distância, viam-se uma ursa-parda e duas crias.

Ann não se assustou. Tendo vivido numa zona de ursos, sabia que, a não ser quando surpreendidos, eles fogem dos seres humanos.

Mas não foi o que aconteceu. Em poucos segundos, as duas perceberam que o grupo corria em sua direção. Christine olhou nervosa para Ann. Sem árvores para subir, suas opções eram limitadas.

«Estão muito longe. O mais provável é estarem correndo atrás de qualquer outra coisa», pensou Ann, lembrando-se de que muitas vezes os ursos simulam ataques para intimidar intrusos. Mas a ursa mãe continuava a se aproximar. Deixara os filhotes para trás e investia numa velocidade incrível.

As duas caminhantes começaram então a gritar e a agitar os braços para intimidar o animal, mas como ele não desistiu, puseram-se em fuga. De súbito, Ann se deteve.

«Pare!», gritou, lembrando-se de repente de que, se uma pessoa corre, os ursos pensam que ela é uma presa fácil e sentem-se mais inclinados a atacar.

Christine diminuiu o passo e começaram a descer por um barranco, fora da vista da ursa. Ann tirou o repelente do suporte do cinto e destravou seu fecho de segurança. Ainda não estava convencida de que o animal atacaria. A encosta cobria-lhes a vista, e as duas esperaram. «Tomara que tenha ido embora», torceu ela, mas a cabeça da ursa emer-

giu do cume, a apenas 4,5 m de distância.

Ann segurou o repelente e esperou. «Vamos a ver se faço isto direito», pensou, enquanto a urso se aproximava. A 1,5 m de distância, o animal de 2 m de altura ergueu-se sobre as patas traseiras e elevou-se como uma torre sobre ela. Ambas fecharam os olhos. Ann sentiu-se paralisar, hipnotizada pelo olhar negro e penetrante da fera. Então, apertou o pino do *spray* e liberou uma nuvem vermelha e quente no focinho da urso.

Com a dor, o animal se enrolou e iniciou uma fuga. Ann suspirou de alívio. «Foi embora!», comemorou. Lembrou-se então de Christine, que estava atrás dela, e voltou-se.

**A**NTES que esta tivesse tempo de reagir, a urso correu para ela e cravou-lhe os dentes no braço esquerdo. Depois, prendeu-lhe o cotovelo com as mandíbulas e começou a sacudi-la ferozmente. Com seus 52 kg, Christine era uma presa fácil para a força tremenda do animal. Sabia que não tinha como escapar.

«Tenho de fazer qualquer coisa», pensou Ann, desesperada. Correu então para o animal e voltou a disparar o vaporizador.

Enraivecida, a urso atirou Christine para o lado e lançou-se contra Ann, que tentou usar pela terceira vez o *spray*, mas verificou, horrorizada, que a lata já se esvaziara.

A urso abocanhou com os enormes dentes o braço direito que Ann estendera e derrubou-a. Rolaram jun-

tas por uma ribanceira. Ann gritava, cheia de dores. Sentia o mau cheiro do animal enquanto este lhe abria o braço.

Neste momento, o pânico abandonou-a e tudo o que tinha aprendido sobre ursos lhe veio à memória. «Tenho de fingir que estou morta ou esse bicho não vai embora», capacitou-se ela.

Soltou o braço esfacelado e rolou sobre o estômago, tentando proteger os órgãos vitais, mas a urso agarrou-a de lado e atirou-a para cima. Ann rolou de novo sobre o estômago, pôs as mãos atrás do pescoço e ficou imóvel.

A urso pôs as garras em sua mochila e mordeu-a. Depois, com um movimento violento, a pata poderosa provida de garras de 8 cm rasgou o capuz do impermeável e do boné de beisebol de Ann, arrancando um grande pedaço de seu couro cabeludo.

**C**HIRSTINE se agachou entre os arbustos em que a urso a tinha atirado. «Mas não posso ficar sentada aqui, vendo a Ann ser morta. Se é o nosso fim, pelo menos morreremos lutando.»

«Já estou indo, Ann!», gritou ela. Ao se aproximar da urso, pensou: «Tenho de afastá-la da cabeça da Ann.»

Apesar de as botas que usava serem pouco mais fortes do que um par de tênis de corrida, chutou com eles a cabeça do animal. A força a fez perder o equilíbrio e cair para trás.

Começou então a atirar pontapés frenéticos, com as pernas para o ar, e então lembrou que o focinho é a parte mais sensível dos ursos. Aplicou-lhe então um chute rápido e violento no nariz.

O animal recuou e em seguida cravou-lhe os dentes no quadril. Depois, com um rugido, abriu as mandíbulas, correu para trás de uns arbustos e desapareceu.

Christine levantou-se e viu Ann imóvel e silenciosa, com a cabeça e as roupas rasgadas, cobertas de sangue. «Ann, como você está?», perguntou.

«Fingindo que estou morta», sussurrou a amiga. «Ela já foi embora?»

«Foi», garantiu Christine.

Ann então levantou a cabeça e Christine fez uma expressão de horror ao ver um pedaço de seu couro cabeludo mexer e cair de novo na cabeça ensanguentada.

«Vamos sair daqui antes que ela volte», disse ela.

**N**A MOCHILA de Ann havia um pequeno estojo de primeiros socorros e algumas roupas. O braço direito de Ann e o braço esquerdo de Christine estavam muito feridos e inertes, mas elas conseguiram fazer curativos nos ferimentos e envolver a cabeça de Ann numa camisa. Depois, discutiram como agir dali em diante.

Estavam molhadas, muito feridas e perdendo sangue. Caía uma chuva miúda e a temperatura era muito baixa. Mal o Sol se pusesse, ela iria se transformar em neve. Corriam o risco de morrer de hipotermia.

Christine lembrou-se de que os donos do abrigo lhes tinham dito que talvez viessem a seu encontro no caminho. Se elas não aparecessem, os donos poderiam continuar a andar até a pradaria e serem também atacados.

«O melhor é continuarmos até o abrigo», disse Christine.

«Mas ele fica lá em cima, do outro lado da geleira!», gemeu Ann. «E eu não passo de novo por aquele campo.»

«É mesmo», disse Christine. Deixando os mantimentos ali, para aliviar as mochilas e para alertar os donos do abrigo, se passassem, as duas se dirigiram para o carro de Ann.

Iam falando e cantando, esforçando-se para se manterem conscientes e fazendo bastante barulho para afastar ursos. Christine quis saber quais eram os sintomas do estado de choque.

«Bem, primeiro você se sente fraca», respondeu Ann.

«Já me sinto fraca», disse Christine.

«Depois, tem arrepios.»

«Já estou com eles.»

«E fica com muita sede.»

«Ahn, ahn.»

O humor lhes dava forças, mas as duas tinham perdido muito sangue e a descida difícil da montanha consumia-lhes a pouca energia que ainda lhes restava.

Só podiam usar um braço para descer das pedras. Num trecho muito íngreme, Ann escorregou, resvalou pela rocha e perdeu a ligadura da cabeça. Levantou-se e, com a aju-



*As felizes sobreviventes: Christine Bialkowski e Ann Quarterman*

da de Christine, voltou a amarrá-la. Continuaram a andar.

A meio da descida, Christine reparou que o braço de Ann sangrava. Para tentar estancar a hemorragia, disse para a outra: «Talvez fosse melhor você levantá-lo um pouco.» Mas Ann não conseguiu, porque a dor era muito forte.

Ela estava cada vez mais fraca e, como nunca mais avistavam o carro, seu ânimo foi diminuindo. «Acho que não vou conseguir», disse por fim, chorando. «Se eu não conseguir, diga à minha irmã e a meus sobrinhos que os amo. E a meu cunhado também.»

«Você é quem vai dizer isso a eles quando a gente chegar lá», sossegou-a Christine.

À medida que caminhavam, Ann ia enfraquecendo. Christine animava-a a prosseguir. «Estamos quase chegando», dizia. «Só mais umas curvas.»

Ann se esforçava por andar. Por

fim, avistaram o carro. Ann inclinou-se para abrir a porta e o sangue que se acumulara no impermeável derramou-se pelo chão.

**C**HIRSTINE foi dirigindo com o braço direito, enquanto Ann, ao lado, engrenava as mudanças com o esquerdo. Foi como desceram, com muito cuidado, a sinuosa estrada.

Pouco antes da auto-estrada, viram um homem cortando lenha. «Fomos atacadas por um urso», gritaram. «Pode nos levar a um hospital?» O rosto do homem empalidescceu ao ver as duas banhadas em sangue.

A uns metros de distância, uma equipe de trabalhadores consertava uma ponte. Sandy Patterson controlava o trânsito ali quando o lenhador apareceu correndo. «Preciso de ajuda!», gritou ele. «Tenho ali duas moças que foram atacadas por um urso!»

Sandy entrou em contato com René Cumin, um dos membros da equipe, que fizera um curso de primeiros socorros. Enquanto Sandy corria para o rádio para pedir uma ambulância, René foi até o carro delas. «Levei pau no curso de primeiros socorros, mas acho que posso dar uma mãozinha aí», disse.

Christine e Ann olharam-se e riram de alívio. A experiência penosa terminara.

---

*Ambulâncias conduziram prontamente as duas ao hospital de Revelstoke. Ann Quarterman levou cerca de 50 pontos. Depois de uma fisioterapia prolongada, recuperou o uso do braço,*

*embora tenha perdido parte do tecido muscular.*

*O ataque da urso quase destruiu uma artéria principal no quadril de Christine Bialkowski, que também levou cerca de 50 pontos nos braços e nas pernas. As cicatrizes não a deixam esquecer o que aconteceu, mas sua recuperação foi completa.*

*Ann aceitou o tal emprego no abrigo de esqui, e ali conheceu um rapaz do Colorado, com quem pensa em se casar. Ela e Christine continuam amigas.*

*A trilha que as duas percorreram continua aberta aos caminhantes e nunca mais ninguém foi atacado ali por ursos.*

FOTOS: PÁGINAS 20 E 21, © DE MARK NEWMAN/SUPERSTOCK; PÁGINA 25, © DE LARRY DOELL.

---

## **Truque bem bolado**

O LOCUTOR de beisebol Chuck Thompson conta esta história acerca de Casey Stengel, treinador dos Yankees de Saint Petersburg, Flórida, ocorrida durante os treinos de primavera.

«Uma noite, alguns jornalistas e eu estivemos ouvindo Casey contar histórias até o bar fechar, já de madrugada. Saímos todos para irmos para nossos quartos», recorda Thompson, «e conforme nos aproximávamos do elevador, o ascensorista estava à nossa espera (nessa época, os elevadores não funcionavam por botões). Cumprimentou Stengel e os dois ou três de nós que entraram.

Casey tirou uma bola de beisebol de seu bolso e disse para o empregado: 'Tenho de dar esta bola a um garoto amanhã. Faça-me um favor. Se algum dos jogadores aparecer, faça-o assinar a bola e me devolva amanhã ao desjejum, está bem?'

O empregado concordou. Na manhã seguinte, Stengel foi o primeiro a tomar café, e o empregado do elevador entregou-lhe a bola. Tinha quatro ou cinco assinaturas dos jogadores dos Yankees que haviam chegado tarde nessa noite. Stengel pegou na bola, agradeceu ao sujeito e multou imediatamente todos os jogadores que assinaram a bola em 50 dólares por transgredirem a hora do recolher.»

— Curt Smith, *The Storytellers* (Macmillan, EUA)

# Entre Aspas

A ADVERSIDADE leva alguns a serem vencidos e outros a baterem recordes.  
— William Arthur Ward

MINHA teoria é a de que nossos erros são as únicas coisas originais que fazemos.  
— Billy Joel, citado por Bill DeMain em *The Performing Songwriter*

ÀS VEZES, a notícia está no que se diz; em outras, no silêncio.  
— Thomas L. Friedman, em *The New York Times*

ALGUMAS das maiores façanhas do mundo foram feitas por pessoas que não eram suficientemente espertas para saberem que elas eram impossíveis.  
— Doug Larson, United Feature Syndicate

O CARÁTER consiste no que se faz à terceira e quarta tentativas.  
— James A. Michener, *Chesapeake* (Random House)

NÃO HÁ empregos medíocres, só atitudes medíocres.  
— William J. Bennett, *The Book of Virtues* (Simon & Schuster)

QUALQUER um gostaria de ter sabido tudo antes.  
— Nelson De Mille, *The Talbot Odyssey* (Warner)

PROCURE primeiro entender e só depois ser entendido.  
— Beca Lewis Allen, *A Woman's ABCs of Life* (World Leisure Corp.)

UMA EDUCAÇÃO superior deveria preparar-nos para produzir três coisas: um amigo, uma idéia e uma personalidade.  
— Thomas Ehrlich, *The Courage to Inquire* (Indiana University Press)

ONDE há muito amor, há sempre milagres.  
— Willa Cather, *Death Comes for the Archbishop* (Knopf)

ESCUTAR, e não imitar, pode ser a mais sincera forma de lisonja.  
— Joyce Brothers

POSSO resumir em três palavras o que aprendi sobre a vida: a vida continua.  
— Robert Frost